

Mediadores na viagem de Spix e Martius pelo Brasil: uma experiência de travessia de culturas e transferência de saberes

Karen Macknow Lisboa

Se se pretende viajar pelo interior do Brasil, é preciso, em primeiro lugar, arranjar bons animais de tropa [...]. Os estrangeiros nada entendem do modo de tratar esses animais; não sabem nem ferrá-los, nem curá-los quando caem doentes. Eis porque é de necessidade contratar um tropeiro, ou arrieiro. Habitados com tudo o que concerne às caminhadas no interior, esses homens conhecem perfeitamente as mínimas particularidades do seu ofício. [...] Se se teve a felicidade de encontrar um bom tropeiro, está vencido o ponto principal da empresa; pode-se contar que a viagem será bem sucedida (Wied-Neuwied 1989, 490).

Introdução

Semelhantes orientações muito provavelmente chegaram a Spix e Martius¹ quando encontravam-se, em 1817, no Rio de Janeiro, ocasião em que travaram contato com o conterrâneo Wied-Neuwied,² autor da citação acima. Por mais simples que sejam esses conselhos, sua pertinência se justifica considerando a dificuldade do estrangeiro em realizar uma viagem por um território desconhecido em que há poucas e más estradas e ausência de ma-

1 O médico e botânico Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868) e o zoólogo Johann Baptist von Spix (1781-1826) aportaram em julho de 1817 no Rio de Janeiro. Ambos eram integrantes da comitiva austríaca, que acompanhou a mudança da arquiduquesa Leopoldina, em virtude de seu casamento com o príncipe herdeiro, Pedro de Alcântara, futuro Imperador, ao Brasil. A expedição de Spix e Martius foi realizada sob os auspícios do rei da Baviera, Maximiliano José I bem como da coroa austríaca, e organizada a mando da Real Academia de Ciências de Munique, da qual ambos os naturalistas eram membros. Entre 1817 e 1820 viajaram pelas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, interior do Pernambuco, Piauí e Maranhão até São Luís. De lá, seguiram por mar até Belém, e depois, navegaram pelos rios Amazonas, Solimões, Negro e Japurá tocando as atuais fronteiras do Peru e da Colômbia. Para mais detalhes, Lisboa (1997) entre outros.

2 O príncipe Maximilian Wied zu Neuwied (1782-1867) aportou 1815 no Rio de Janeiro, motivado por interesses pessoais e sem alguma filiação institucional. Permaneceu por dois anos no Brasil e em 1820/21 publicou a *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817* (2 vols. com atlas).

pas geográficos. Wied-Neuwied afirma com todas as letras que o sucesso da viagem depende desses arrieiros. Esses homens fazem parte da malha de mediadores³ locais cuja função é colaborar e tornar possível viagens em termos práticos (por exemplo, na orientação de caminhos e lugares para pernoitar, na obtenção de alimentos, na organização dos meios de transporte, etc.), materiais (por exemplo, na coleta de objetos da natureza) e científicos (fornecimento de informações e saberes). Esses mediadores tanto podem ser indivíduos, instituições bem como diferentes instâncias narrativas, tais como livros, jornais, obras de arte etc. No presente texto, focaremos apenas nos mediadores representados por indivíduos, ou seja, sujeitos que exercem variadas funções e atividades no contexto da viagem, tais como arrieiros, remadores, carregadores, coletores, guias, tradutores, representantes de autoridades burocráticas, institucionais, anfitriões etc. Oriundos de várias camadas sociais, da mais simples às da elite, esses mediadores encontram-se na narrativa de viagem, com suas “múltiplas falas”, –conforme O. Ette nos mostra (Ette 1997),⁴– e permanecem porém quase sempre em segundo plano, quando não ocultados. Essa estratégia discursiva contribui para a imagem da heroicidade do viajante,⁵ sobretudo da figura masculina e europeia, no sentido de esmaecer a importância desses mediadores para o sucesso da missão.

Na presente investigação examinaremos alguns exemplos de indivíduos que atuaram como mediadores na expedição de Spix e Martius, analisando a *Reise in Brasilien (Viagem pelo Brasil)*, o famoso relato editado em Munique entre 1823 a 1831.⁶

3 Vale sublinhar que o termo mediador encerra a ideia da intermediação, de elo, de arbitragem, de facilitador. O verbo mediar também significa “estar entre (duas coisas), situar-se entre (dois extremos)” (Houaiss e Villar 2009, 1262-3).

4 Ette identifica no relato de viagem um “cosmos de múltiplas falas”. Esse cosmos é expressão de um grande número de “diferentes textos” produzidos por um grande número de “instâncias (narrativas)” e de “falas escondidas e alheias” (Ette 1997, 42).

5 A esse respeito, ver Matthies (2018, 19-23).

6 Em 1823, saiu o primeiro volume, em 1826 o segundo e em 1831 o terceiro, acompanhado do Atlas e um compêndio com partituras de canções indígenas, lundus e modinhas. O Atlas apresenta 41 litogravuras (medindo 52x70 cm) em que são representados momentos da viagem, cenas urbanas, paisagens, artefatos indígenas, objetos do reino mineral, vegetal e animal, tipos humanos. Além disso, incluem-se um frontispício alegórico simbolizando a história da conquista do Novo Mundo, perfis topográficos, um mapa fitogeográfico e uma série de oito mapas geográficos do Brasil, desenhados por Martius, Spix, Eschwege e Schwarzmann. A tradução de *Reise in Brasilien* ao português veio a lume em 1938, sob os cuidados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Desde então, não houve nova tradução. As publicações subsequentes, por outras edi-

Consideramos que esses mediadores atuam em teias e redes⁷ por meio das quais informações, objetos e vários tipos de saberes⁸ são transferidos. O viajante estrangeiro, por seu lado, deles se apropria, de maneira seletiva (Klemun 2009, 7),⁹ utilizando-os para a realização da viagem bem como para a sua produção intelectual-científica (ao longo da viagem e posteriormente). A apreensão seletiva dos saberes, a coleta de objetos e a obtenção de informações devem ser entendidas como atividades da viagem que se inscrevem, para falar com Lévi-Strauss (1979, 79) no espaço, no tempo e na hierarquia social, em que se desnudam diferentes tipos de encontros, muito heterogêneos. Mary Louise Pratt (1999, 31-33) apontou para as relações assimétricas entre os visitantes europeus (metropolitanos/colonizadores) e os visitados (colonizados) que se travam na assim denominada “zona de contato”, i.e., um espaço social em que “pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada”.¹⁰

Aqui pretendemos adentrar nesse espaço, para resgatar as “múltiplas falas” (Ette 1997) e perscrutar assim as diferentes e heterogêneas relações

toras, são reedições da de 1938, em parte com cortes. No presente texto, extraímos as citações da edição 1981 pela Itatiaia/Edusp que se baseou na edição de 1976. O Senado Federal reeditou a obra em 2017. Para mais detalhes bio-bibliográficos sobre Spix e Martius, ver Lisboa (1997, 51-67).

- 7 Conforme Bruno Latour, o termo rede indica que as fontes e os recursos estão concentrados em poucos locais –em nós e conexões– todos interligados. Essas conexões transformam as esparsas fontes e recursos numa teia que parece se espalhar por toda a parte (Latour 1987, 180).
- 8 Para uma breve análise sobre os diferentes tipos de saberes e as especificidades entre transferência de saberes e transferência científica, ver Lipphardt e Ludwig (2011); Ash (2006). Kapil Raj, em diálogo com os debates pós-coloniais e da “história conectada”, analisa a produção do saber científico europeu/ocidental/do colonizador rompendo com a perspectiva linear de difusão e transferência, e propõe ser ela resultado da circulação e interação de práticas e saberes entre diferentes comunidades de “especialistas de diversas origens” (Raj 2007 e 2013).
- 9 Klemun chama a atenção que o termo “apropriação” (*Aneignung*), embora já inflacionário em seu emprego –sobretudo na etnologia– é o mais adequado para relacionar a prática científica e o colonialismo (europeu). No conceito de apropriação reside a ideia de tomar para si algo que não lhe pertence, ou de se apoderar de um saber que não lhe é conhecido. A apropriação ocorre sempre por um “mediador” ou “corporação” –que pode assumir várias formas– e se constitui individual, local, nacional e globalmente em referências espaciais (Klemun 2009, 7).
- 10 Pratt cria o conceito de “zona de contato”, inspirado na expressão da linguística “linguagem de contato”. Esta se refere a linguagens improvisadas praticadas entre locutores de idiomas diferentes e que precisam se comunicar entre si, sobretudo, por razões comerciais (Pratt 1999, 31-33).

sociais tecidas em função da concretização da viagem e do projeto científico. Com isso, acreditamos poder contribuir para uma maior compreensão da complexidade dos encontros entre os estrangeiros (europeus) e os locais (não europeus) no contexto do neocolonialismo da primeira metade do século XIX. À nossa análise precede uma breve apreciação acerca de duas formas de mediação que se manifestam na narrativa de viagem de Spix e Martius, a mediação oculta e a mediação explícita. Em seguida, no tópico “Interlocutores”, demonstraremos que com um determinado tipo de mediador –dependendo do estrato social ao qual pertence– a relação entre os naturalistas e os visitados é menos ou nada hierarquizada. Por fim, examinaremos alguns casos de guias/arrieiros/tradutores/auxiliares e sua relação com Spix e Martius. Os aspectos raciais e sociais, mencionados e problematizados na narrativa, apontam para as dimensões assimétricas dessas relações e suas implicações no acontecer da expedição.

Tipos de mediação

No universo da mediação ou dos agentes mediadores (ou das “múltiplas falas”) que se encontram na *Viagem pelo Brasil*, pode-se *grosso modo* dividi-los entre a) “mediação oculta” e b) “mediação explícita”. Vejamos então alguns exemplos:

No primeiro caso, os agentes ocultos são aqueles que prestam saberes, conhecimentos, informações e objetos aos viajantes sem que o leitor saiba como eles os obteve. A mediação oculta é uma forma bastante usual no relato de viagem e transforma o narrador em autor da produção do conhecimento. Isso podemos muito bem verificar no capítulo inicial do relato de Spix e Martius, dedicado ao Rio de Janeiro. A ampla descrição da cidade (prédios, ruas, calçadas), da população, das instituições (tais como a Biblioteca, a impressão de livros e jornais, estabelecimentos de ensino, a Escola de Medicina, a Academia de Belas Artes, hospitais, o Passeio Público, bancos, o tráfico negreiro, festas populares e religiosas) é realizada sem referências a fontes de informação ou informantes. Igualmente as análises sobre a presença da família real e as transformações ocorridas pela atuação da Corte no Rio de Janeiro (Spix e Martius 1981, v. I, 47-78).

O mesmo vale para a descrição dos alimentos que se encontravam nos mercados de víveres. Além das mais “raras formas dos mais diversos peixes”, os naturalistas mencionam várias qualidades de legumes, frutas e

farinheiros estranhos ao europeu sem em nenhum momento especificar da onde extraem as informações (Spix e Martius 1981, v. I, 65). Essa forma de lidar com os saberes locais pode assumir contornos bastante didáticos no relato de viagem. Por exemplo, no final do capítulo sobre a viagem de São Paulo à Fábrica de Ipanema (cap. 2, livro III, vol. 1)¹¹ há anexada uma listagem da descrição do uso prático e das características curadoras de 54 plantas medicinais conhecidas na capitania de São Paulo. Evidencia-se que os viajantes incorporaram saberes locais tanto quanto se basearam em outros naturalistas que lhes forneceram informações científicas. Eis aqui um bom exemplo em que saberes locais são apreendidos, cruzados e transformados em ricas informações práticas e científicas, sem que o leitor, no entanto, possa identificar de que maneira e por meio de qual “falas” os naturalistas os obtiveram.

No segundo caso, os agentes explícitos podem ser sujeitos, instituições e instâncias narrativas nomeados coletivamente (por exemplo, “brasileiros”, “médicos”, “sábios”, “índios”, “escravos”, “imprensa”, “opinião pública”, etc.) ou anonimamente (“informaram-nos”, “explicaram-nos” etc.) ou então indetificados individualmente (nomes próprios, títulos de suportes impressos, etc.). E, ao que tudo indica, esses diferentes mediadores ocupam papel e função diferenciados, sugerindo uma hierarquização por parte dos viajantes, que se desdobra em relações mais ou menos assimétricas com os “locais”.

Ao verificar as diferentes formas da mediação explícita igualmente esbarramos em certo anonimato. Por exemplo, quando os naturalistas tratam das doenças e da salubridade no Rio de Janeiro. As referências são explicitadas enquanto um coletivo anônimo. Nesses casos, as informações fluem na narrativa por meio de indicações como “nos asseguraram”, “nos informaram”, “nos relataram” (aos viajantes), etc. Em outros momentos, as referências são atribuídas a especialistas em geral. Assim o leitor fica sabendo que a “experiência dos médicos práticos de Portugal” teria demonstrado que uma espécie de “quina”, que vicejava próximo aos cafezais e era exportada sob o nome de “quina do Rio”, seria muito eficaz no combate de febres intermitentes (1981, v. I, 82-83). De semelhante maneira foram “médicos” locais que compartilhavam a opinião que a hidrocele, doença endêmica no Rio de Janeiro, derivava do uso d’água. E da mesma forma, eram “médicos do lugar” que teriam recomendado,

11 Na versão da Edusp/Itatiaia 1981 o texto está incompleto.

“como preservativo e remédio contra o mal, abluções locais com rum e água fria e o uso de suspensórios” (1981, v. I, 61). Poder-se-ia alistar inúmeras passagens que revelam essa maneira da mediação em que os informantes mantem uma posição secundária e praticamente anônima no relato de viagem.

Interlocutores

Nem todos os mediadores permaneceram, porém, no anonimato e na ocultação. Parece bastante evidente que os viajantes citam o nome dos mediadores quando se trata de luso-brasileiros ilustrados e de europeus, sobretudo, se eram compatriotas. Já no início do capítulo sobre o Rio de Janeiro, ou seja, o primeiro capítulo a tratar do Brasil, Spix e Martius apresentam com quem fizeram “relações”, sublinhando que esses homens se “esforçaram para [...] serem[-lhes] úteis em todas as ocasiões”. Todos eram compatriotas com os quais compartilhavam o interesse por uma “natureza” tão “rica”, “estranha” e “nova” (1981, v. I, 47).

Nesse contexto, o naturalista alemão Heinrich von Langsdorff,¹² na época consul geral da Rússia no Brasil, assume lugar de destaque. Ele ocupa um papel central para os naturalistas no Rio de Janeiro, por receber tanto em sua casa como em sua fazenda experimental “Mandioca” naturalistas e estudiosos que moravam na cidade ou estavam de passagem. A descrição de sua casa revela ser “hospitaleira”, segundo Spix e Martius. Os autores sublinham que nesse “ponto de reunião à noite”, encontravam-se os naturalistas em um “número” como jamais houvera até então (1981, v. I, 58). E também teria sido a experiência de sua estada na “Mandioca” e as excursões aos arredores que haviam familiarizado Spix e Martius com a arte de viajar nos trópicos. Com o apoio desses colegas de ofício, alis-

12 O médico e naturalista Langsdorff (1774-1852) participou na viagem de circunavegação (1803-1807) de Adam Johann von Krusenstern, quando passou pela primeira vez no Brasil. Em 1813 ele se muda ao Rio de Janeiro representando o governo russo. Com o apoio da Academia de Ciências de São Petersburgo e do czar Alexandre I, ele organiza uma expedição científica pelo Brasil, que ocorreu entre 1825 e 1829. Com a participação de integrantes alemães, russos e franceses, a ousada e longa viagem pelo interior do Brasil (de São Paulo via fluvial a Mato Grosso e Pará), sofreu numerosas adversidades. Langsdorff retorna para Alemanha em 1830, enfermo e sem memória, a qual não recuperou.

tados no relato, (John Mawe¹³, Eschwege¹⁴, Wied-Neuwied¹⁵, Freyreiss¹⁶, Sellow¹⁷, Auguste de Saint-Hilaire¹⁸, Langsdorff¹⁹) os quais lhes forneceram “informações escritas e orais”, decidiram traçar um itinerário bastante corajoso. Um itinerário que atravessasse regiões interioranas ainda ignotas aos naturalistas europeus, e que levaria dois anos e meio e no qual percorriam cerca de 10.000 quilômetros (1981, v. I, 106).

Eschwege foi relevante quando eles estiveram em Minas Gerais:

Aqui [em Vila Rica] chegados ao coração da afamada terra do ouro, alimentamos vivo desejo de visitar sem demora as próprias minas. Nosso amigo e compatriótico Sr. von Eschwege veio logo ao encontro desse nosso anseio e levou-nos à encosta oriental do morro de Vila Rica, que até então tinha dado o maior rendimento (1981, v. I, 207).

As referências a Eschwege são recorrentes ao longo das páginas que versam sobre a mineração (1981, v. I, livro 4, caps. I e III), fruto das informações colhidas pelo conhecido mineralogista e autor de importante obra sobre o Brasil, que ocupou a função de guia de Spix e Martius.²⁰

13 O mineralogista britânico John Mawe (1764-1829) obteve a permissão do príncipe regente de Portugal para visitar as minas em Minas Gerais entre 1808-1809. Em 1812, publica *Travels in the Interior of Brazil* (London).

14 O mineralogista alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855) veio ao Brasil contratado pela coroa portuguesa com o objetivo de instalar siderúrgicas e explorar minas de carvão. Editou extensa obra de sua estada de dez anos e muito contribuiu com investigações cartográficas e geográficas.

15 Ver nota 2.

16 Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825) acompanhou Langsdorff quando esse veio ao Brasil na qualidade de consul-geral da Rússia. Realizou várias viagens de exploração científicas pelo país. Estabeleceu-se no sul da Bahia, onde fundou a colônia de imigrantes Leopoldina. O projeto não prosperou e Freyreiss lá morreu.

17 Friedrich Sellow (1789-1831) chegou ao Brasil em 1814 a convite de Langsdorff. Viajou com Wied-Neuwied e Freyreiss pela Bahia. Financiado pelo governo da Prússia, Sellow coletou enorme número de plantas, animais e minerais bem como realizou estudos etnográficos. Morreu afogado em 1831 no Rio Doce. Recente publicação trouxe a lume as suas anotações de viagem e contextualizou a importância do trabalho científico de Sellow (Zischler, Hacketal e Eckert 2013).

18 O francês Auguste de St. Hilaire (1779-1853) chegou no Brasil em 1816 integrando a Missão Francesa. Viajou por cinco anos pelo Brasil (região sudoeste, sudeste, sul e Uruguai). Suas coleções zoobotânicas integram um herbário de 30 mil espécimes com mais de 4500 espécies novas. Publicou vasta obra no campo da geográfica, botânica, zoologia, etnografia e os relatos de viagem.

19 Ver nota 12.

20 Entre 1830 a 1851, Martius recebeu mais de 20 cartas de Eschwege. Bayerische Staatsbibliothek. Seção de manuscritos (BSB/SM), Martiusiana, II A 2.

Dentre os compatriotas, mencionam também F. Schimmelbusch,²¹ quando o assunto são as relações comerciais do Brasil. A Schimmelbusch é explicitamente agradecido em nota de rodapé por ter fornecido largas informações no quesito comércio nacional e internacional (Spix e Martius 1980, v. I, 124).²²

Como afirmado acima, também brasileiros mais “cultos” são registrados com nome completo ao passo que os arrieiros, os ajudantes, os escravos e pessoas das camadas mais populares são indicados, quando o são, somente pelo primeiro nome. A descrição positiva do encontro com o padre Antônio Nogueira Duarte, que vivia no meio do sertão das Minas Gerais, serve de demonstração: esse homem teria sido aos alemães “tão próximo com seu entusiasmo vivo pela História Natural” que não foi necessário apresentar a ele as

muitas recomendações, para que ele tomasse parte ativa em tudo a favor de nossa [de Spix e Martius] empresa. Vastos conhecimentos, um espírito esclarecido e amadurecido por estada de vários anos na Europa, e grande experiência da vida, tornaram o convívio com esse distinto sacerdote para nós tão instrutivo, quanto agradável pelo gênio alegre e pela vivacidade do seu humor (1981, v. II, 82).

Outro exemplo indica semelhante percepção que deixa entrever uma relação simétrica entre os viajantes e os visitados na zona de contato: Em São Paulo, Spix e Martius foram apresentados a Antonio Ildefonso Ferreira, lente de filosofia. Graças a existência de uma tradução para o português da obra de Kant, Ferreira teria se apropriado do “sistema deste filósofo do Norte”, o que para eles foi uma “agradável surpresa”, por terem encontrado “palavras e conceitos da escola alemã implantados no solo da América” (1981, v. I, 140).

O quanto esses contatos foram decisivos para o sucesso da expedição não necessariamente se evidencia no relato de viagem. No entanto, certamente contribuíram e facilitaram a realização do projeto, como foi o caso do Padre Antônio, “tão instrutivo” a Spix e Martius. Tal qual também podemos acompanhar na descrição de Spix e Martius quando chegam em Salvador,

21 Não localizamos informações mais concretas a respeito de Schimmelbusch, além de ser um comerciante.

22 Essa nota de rodapé foi suprimida na edição brasileira de 1981. Com Schimmelbusch Martius manterá troca epistolar. Na Martiusiana constam oito cartas para Martius (BSB/SM, Martiusiana, II A I).

onde, no terceiro dia de sua estadia, mudam-se para a “bela residência” do comandante de milícias da província, Felisberto Caldeira Brant Pontes. Os elogios e agradecimentos não tardam: “A este nobre e espirituoso cavalheiro [...] quero, antes de tudo, agradecer as inúmeras provas de hospitalidade [...]” (1981, v. II, 140). Na grande profusão de informações (urbanísticas, históricas, sociais, econômicas, culturais, meteorológicas, etc.) e análises que confluem na descrição sobre a cidade, Caldeira Brant é referenciado somente em duas passagens: quando o assunto são as milícias e a exportação de açúcar. De resto, pode-se considerar que ele tenha fornecido mais dados e ensinamentos sobre Salvador, embora seja difícil saber mais detalhes.

Semelhante à descrição do Rio de Janeiro, visto acima, muitas informações sobre Salvador são fruto de mediações ocultas. Com Caldeira Brant, futuro Marques de Barbacena, a relação se perpetua por meio de trocas epistolares entre 1822 a 1836 (Martiusiana II A I).²³ Outra figura célebre, que provavelmente tenha figurado, como mediador, foi o Dr. Manoel Henriques de Paiva, “distinto médico clínico, conhecido pela variada atividade científica em assuntos de medicina prática, matéria médica, botânica e química” (1981, v. II, 150) e que outrora lecionou química e história natural (1981, v. II, 153). E para coletar “seguras informações” meteorológicas, os autores citam a colaboração do Snr. Bivar, “o único entre os nossos conhecidos que havia tomado nota das observações meteorológicas”. No entanto, como ele havia “entregado as suas tabelas” ao príncipe Wied-Neuwied, pôde ele apenas comunicar a Spix e Martius “algumas notícias gerais”, reproduzidas no relato de viagem (1981, v. II, 156).

Quando visitaram os engenhos de açúcar nos arredores de Salvador, no Recôncavo, a conclusão dos viajantes pesquisadores não deixa traço de dúvida quanto à disponibilidade dos “locais” para auxiliar no empreendimento: o estrangeiro pode contar com “franca hospitalidade” e “nós como naturalistas, principalmente, gozamos muitas vezes de acolhimento extremamente amável” (1981, v. II, 223). Quem teria ajudado nesse sentido foi o Sr. Antônio Gomes, graças a seu “empenho científico” (“naturhistorische Bemühungen”) que lhes mostrara as “riquezas da terra”. Este senhor, vale sublinhar, era correspondente do importante entomologista e botânico alemão Johann von Hoffmannsegg, autor da grande *Flora portugaise* na qual incluiu a flora do Brasil (1981, v. II, 162). Com Gomes, ao que se pôde

23 Costa e Diener (2012, 188-222) investigaram alguns contatos epistolares de Martius com o Brasil.

verificar, Martius não manteve contato, ao passo que com Hoffmannsegg houve intensa troca epistolar.

Ao longo das numerosas páginas do relato e dos numerosos lugares visitados, poder-se-ia mencionar mais nomes que atuaram de maneira semelhante a Paiva, Bivar, Ferreira, etc. Nesse sentido, a estadia em Belém foi proveitosa. Assim se referem os viajantes acerca dos contatos que travam: o anfitrião Ambrósio Henriques se empenhava para garantir a manutenção da casa que foi oferecida aos naturalistas. Graças ao conde de Vila Flor (Antonio José de Sousa Manuel Meneses, na época Governador do Grão-Pará) e ao irmão de um “amigo” do Maranhão, John Hesketh,²⁴ ambos foram logo apresentados e recebidos em “diversos círculos familiares”. Os autores se referem a “laços sociais” que se tornaram inesquecíveis e nos quais não somente encontraram “divertimento mas também os mais diversos ensinamentos”. Dentre esses contatos, emerge a figura do vigário-geral da província, Romualdo de Seixas. Esse clérigo, conhecedor de sua “pátria” e propagador de “instrução” e “costumes”, forneceu aos naturalistas “interessantes informações sobre os indígenas e os brasileiros dos sertões do Pará e do Rio Negro” (1981, v. III, 24). E Martius acrescenta no relato, a título de reconhecimento pela contribuição desse prelado, que ainda anos depois, já quando Bispo da Bahia, enviava-lhe por cartas “informações”.²⁵ Ainda nesse círculo de informantes, mencionam o nome do Dr. Antônio Correia de Lacerda, físico-mor do Grão-Pará, cuja inclinação para a botânica permitiu uma “conformidade de estudos” entre eles, o que serviu também para selar o “laço de amizade”²⁶ (1981, v. III, 22).

Enfim, é fácil imaginar que quanto mais os mediadores luso-brasileiros são europeizados e elevados na hierarquia social, menos distancia e estranhamento ocorria entre Spix e Martius e os locais. Nesse sentido, a relação é mais dialógica e respeitosa, deixando de ser assimétrica. É evidente pois que a proximidade sócio-cultural entre os viajantes e os visitados (incluindo outros europeus) determina a forma da abordagem, do tratamento e da

24 John Hesketh era irmão de Robert Hesketh, Cônsul da Grã-Bretanha em São Luis. Esse homem, “por interesse pela ciência” e sua “humanidade”, acolheu e cuidou dos naturalistas, fisicamente muito debilitados após a longa e penosa travessia do sertão da Bahia, Pernambuco e Maranhão (Spix e Martius 1981, v. 2, 267 s.)

25 De Dom Romualdo constam 11 missivas destinadas a Martius entre 1823 e 1850 (BSB/SM, Martiusiana, II A 2).

26 Martius recebeu duas cartas de Lacerda (1822 e 1828), arquivadas na BSB/SM, Martiusiana, II A 2.

relação que se constrói. Como já indicado, com alguns desses mediadores a função de informante e colaborador *ad hoc* se perpetuara ao longo do tempo por meio de relações epistolares, como foi o caso de Brant e Romualdo de Seixas, indicando a formação de redes de transferências de saberes.

Cabe lembrar que a morte prematura de Spix (1826) interrompeu a continuação de seus trabalhos como também de possíveis contatos com Brasil. Em Martius, nota-se que os interlocutores epistolares no Brasil vão aumentando, o que talvez se explique pela paulatina institucionalização das ciências no Brasil. Por exemplo, a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838, no Rio de Janeiro, do qual Martius foi nomeado “sócio fundador”. Com os membros do Instituto, em particular com o secretário perpétuo Januario da Cunha Barbosa, Martius manteve estreita relação epistolar.²⁷

Guias, arrieiros, ajudantes e tradutores

Os guias e tocadores de animais de carga (arrieiros) ocupam relevante papel na execução da viagem, conforme Wied-Neuwied já teria demonstrado. São mediadores por conhecerem a geografia local, os caminhos, as vicissitudes climáticas, a natureza, os costumes locais. No trecho a seguir, Spix e Martius testemunham o quanto urgia ter um arrieiro qualificado para realizar a viagem, reiterando o que Wied-Neuwied também exortava. Quando estavam no Rio de Janeiro, relatam:

[L]ogo cuidamos, em primeiro lugar, de obter uma tropa de mulas [...] Como primordial necessidade, restava a escolha de um arrieiro [...]. Logo percebemos quanto é difícil achar um homem competente para o ofício, e ainda mais difícil interessá-lo na nossa empresa. Depois de várias tentativas infrutíferas para descobrir o indivíduo nas condições necessárias, fomos obrigados, por se aproximar o dia marcado da viagem, a confiar a tropa a um mulato que, embora sem oferecer credenciais, declarou ter prática do ofício e lhe demos como auxiliar, além de nosso escravo negro, outro negro liberto. Quanto essa solução precária nos ia dificultar numa terra estranha e nos colocar nas mais desagradáveis situações, não podíamos de todo imaginar então [...] (1981, v. I, 106).

27 A convite de Januario da Cunha Barbosa, Martius participou do concurso “Como se deve escrever a história do Brasil”. Dentre duas propostas enviadas, a de Martius foi vencedora (Martius 1845). Muito já se escreveu sobre esse tratado, que contribuiu para os debates sobre a historiografia nacional e as questões da formação identitária (Guimarães 1988, entre outros). Sobre a relação epistolar entre Martius e Barbosa, ver Costa e Diener (2012, 210 s.).

Na província de São Paulo, passados mais de um mês após a partida do Rio de Janeiro, são grandes as queixas sobre o arriero. Os naturalistas chegam antes da tropa na Fábrica de Ferro Ipanema, que deveria alcançá-los no mesmo dia à tarde. Um atraso porém de três dias deixa os europeus muito inquietos, apesar da agradável hospedagem que estava lhes sendo oferecida. Diante da ausência dos cargueiros, despacharam outro tropeiro com animais descansados à procura deles. Somente após dois dias todos regressaram. Os animais da expedição dos naturalistas estavam no “mais lastimável estado”. E o tropeiro, ao que tudo indica, aquele que haviam contratado no Rio de Janeiro, conforme mencionado acima, foi quem “escapuliu sem escrúpulos”, abandonando seu trabalho. Os europeus concluem que teria ele fugido do empreendimento assim que se encontrava em sua terra natal; e repreendem a sua atitude, reiterando preconceitos raciais: “Este incidente despertou em nós invencível desconfiança contra toda a gente de sua cor, o que determinou o nosso modo de proceder com acerto em muitas ocasiões idênticas a esta” (1981, v. I, 158).

O conflito entre os visitantes europeus e os locais, externado nesse episódio, pode ser entendido como uma dimensão da relação assimétrica que Pratt conceitua na “zona de contato”. Se por um lado, os viajantes têm as condições econômicas e as permissões oficiais do governo luso-brasileiro para realizar a expedição, por outro não têm como manter sob seu domínio todos os auxiliares locais, tais como tropeiros, personagens essenciais. Na narrativa de viagem, essa impotência do viajante é sublimada e creditada a esses ajudantes, por Spix e Martius considerados racialmente inferiores. Em várias passagens no relato de viagem, os autores expõem abertamente as suas concepções raciais, pautadas sobretudo em estudiosos do século XVIII.²⁸

Não passou muito tempo e o escravo também foge. Segundo Spix e Martius, ele estava descontente com a penosa viagem, em que tiveram que atravessar muitos terrenos inundados, apesar do “tratamento humano” que lhe havia sido dispensado. Passados três dias ele foi localizado nas imediações, por intervenção de um capitão do mato, e restituído aos

28 A questão racial em Spix e Martius pauta-se em teorias formuladas por Linné, Kant, de Pauw e sobretudo Blumenbach e Meiners. Por princípio, os autores acreditavam numa concepção monogenista da humanidade. As diferentes raças eram hierarquizadas, sendo que o tipo caucásico (branco europeu) era considerado moral e intelectualmente superior às raças etíópicas (negros) e americanas (indígenas americanos) e portanto mais civilizado. Para mais detalhes, ver Lisboa (1997) e Schulze (2008).

donos. Esses teriam seguido o conselho do fazendeiro José Antonio de Almeida, hospitaleiro anfitrião dos naturalistas, que os exortara a tratar o recapturado com bondade, anistiando-o com um copo de cachaça, em vez de dirigir-lhe “palavras injuriosas” (1981, v. I, 183).

O contato com as aldeias indígenas implicava em maiores dificuldades e aponta a fragilidade e a insegurança dos naturalistas. Em Minas Gerais, realizam suas primeiras visitas a povoados indígenas. Tiveram a sorte de conhecer o oficial Guido Marlière encarregado de “domesticar e civilizar” os indígenas da região, que estava de passagem em Vila Rica. Esse francês, um “digno oficial”, já havia “coligido muitas observações” sobre os Coroados, Puris e Coropós, segundo o testemunho de Spix e Martius. Foi ele que deu aos naturalistas os “necessários esclarecimentos” sobre a conduta para com os indígenas. Também foi ele que indicou o caminho até o aldeamento, organizou “um de seus homens” para acompanhá-los bem como “comunicou por escrito aos criados de sua casa e aos soldados do posto a ordem de satisfazerem em tudo aos [...] desejos” dos viajantes. Às margens do rio Xopotó, no aldeamento, quando queriam se aproximar dos Coroados, Spix e Martius afirmaram: “Só a confiança na experiência do guia [militar] nos manteve na picada estreita de muitos volteios, até que afinal saímos da mata para uma região mais clara”. No povoado, foi o guia que primeiro entrou nas cabanas e travou o contato com os indígenas: “saldou os selvagens, e deu-lhes a entender, tanto quanto lhe permitia o conhecimento da língua deles, que tínhamos vindo de muito longe para vê-los e que a nossa ocupação era apanhar aves, borboletas e plantas” (1981, v. I, 223).

Apesar dessa saudação, os indígenas pouco deram atenção aos europeus. Segundo Spix e Martius, eles continuavam balançando em suas redes, calados e “furtivamente os espreitavam”. E referem-se a uma “conversa muda” entre visitantes e visitados, em que “nem boas palavras nem presentes os removeram”. Suas observações antropológicas, nesse episódio, se reduzem ao “arranjo doméstico”, i. e., às choças e aos utensílios que estavam à vista e às atividades que estavam executando naquele momento (1981, v. I, 223-224). Ou seja, embora estivessem acompanhado de um guia, que conhecia algo do idioma desses Coroados, a comunicação e a obtenção de informações parecer ter sido diminuta. A escolta militar, no entanto, foi essencial em muitas ocasiões para que os europeus se aproximassem dos indígenas, ainda que essa não garantisse uma boa mediação, como podemos deduzir do exemplo acima.

Em outros momentos, veem-se entregues a total impossibilidade de obter informações mais elucidativas, circunscrevendo a sua prática naturalista ao que podiam captar com os olhos e levantar algumas especulações. Mais uma vez, segue o exemplo: pouco depois de estarem com os Coroados, encontram numa fazenda um grupo de Coropós, àquela altura, segundo informam no relato de viagem, contavam apenas uns trezentos indivíduos, distribuídos em diversas aldeias. Do pouco que descrevem, esclarecem ao leitor que lhes foi impossível estudar o seu idioma, “apesar de todas as tentativas, tanto pela sua [dos indígenas] invencível timidez como pela falta de um intérprete prático” (Spix e Martius 1981, v. I, 225-226).

Já em outro episódio, também com Coroados, relata-se muito bem como os viajantes conseguem angariar uma espécie de mediador entre os indígenas. Pois estes estavam receosos com a presença de Spix e Martius, acreditando que estavam lá com a intenção de recrutá-los. Somente depois que os indígenas os teriam “espionado”, certificam-se que não era esse o objetivo dos estrangeiros. Finalmente, um rapaz coroadado, “que o Capitão Marlière tinha em sua casa e já por ele um pouco educado, obteve para nós a confiança desses filhos das selvas, e em breve nos vimos cercados de uma multidão deles, que se reuniram armados e desarmados [...]” (1981, v. I, 226).

A “amizade” é conquistada por meio de presentes, como soldadinhos de chumbo, mandioca, milho e cachaça, que o soldado da escolta lhes entregaria. Assim garantiram o cumprimento da promessa de um espetáculo de dança no dia seguinte. Também na ocasião da dança, a orientação do guia (provavelmente o soldado que os escoltava), era a de que deveriam tomar uma cuia cheia de uma bebida inebriante a base de milho fermentado, cujo preparo haviam visto e descrito. Sentiram-se obrigados a aceitar a oferenda, para evitar desconfiança, embora sentissem muito nojo (1981, v. I, 227).

A dança é descrita com detalhes a partir do que observam, sem que no entanto entendam o seu significado. Levantam uma hipótese —a de que ela provavelmente objetivava esconjurar e afastar o mau espírito— (1981, v. I, 227). Ao que tudo indica, nem o guia, nem o rapaz coroadado e tão pouco o Capitão Marlière serviram de informante a contento apesar de o oficial francês, conforme Spix e Martius afirmaram, ter “coligido muitas informações” sobre os indígenas. Se foi desinteresse dos viajantes ou falta de conhecimento desses mediadores manifestos ou talvez falhas nas anotações em trânsito ou lapsos de memória quando os viajantes estão de volta em sua terra natal, redigindo o relato, impossível responder. Mas pode-se especular com a ideia de que as descrições extremamente depreciativas sobre esse

grupo indígena²⁹ se inspiravam nessas “muitas informações”, reiteradas pelas visões difamadoras que circulavam pelos espaços europeus e coloniais.³⁰

Os ajudantes indígenas que acompanham a expedição são também possíveis mediadores e sem dúvida significativos para a execução da viagem.³¹ O caso do indígena coroado Custódio é bastante elucidativo: Custódio os acampanhou por um longo tempo, por oito meses, na expedição e provou ser, assim Spix e Martius, uma pessoa dedicada e que tinha curiosidade de conhecer a Europa. Custódio pareceu-lhes fiel ao não abandonar a comitiva na difícil travessia do sertão baiano, ao contrário dos tropeiros que haviam declarado seu desligamento por vários receios. No entanto, certo dia também o fiel Custódio sumiu e em vão ainda procurou-se por ele. E “pelas informações ambíguas” de outros indígenas, ele retornou para as matas, provavelmente, assim sugerem os viajantes, por saudades dela. Os naturalistas concluíram desse fato, para eles lamentável –por terem perdido um valioso ajudante–, que as intenções declaradas por Custódio não passavam de mera vaidade e que os “antigos hábitos” seriam mais fortes do que os interesses aparentemente expressos (1981, v. II, 188).

O abandono de Custódio deixa entrever mais uma vez a dificuldade de os expedicionários manterem a mão de obra empenhada na expedição, o que provavelmente resultava de um distanciamento cultural entre os europeus e os locais, sobretudo indígenas, causando numerosos desentendi-

29 A longa descrição acerca da “alma definhada” dos Puris, Coropós e Coroados revela as visões depreciativas assumidas por Spix e Martius (1981, v. I, 230 s.).

30 As teses da “debilidade” ou “imaturidade” natural do continente americano ganharam bastante visibilidade e suscitaram amplo debate no meio filosófico e científico com o bestseller *Histoire naturelle, générale et particulière*, do conde de Buffon (1749). As idéias deste naturalista francês, bem como as de seus maiores interlocutores, os abades Cornelius de Pauw e Guillaume Raynal, alicerçam os marcos inaugurais de uma controvérsia, ao impor a imagem da inferioridade e da debilidade da terra e do homem autóctone americano (meridional), da degradação irreversível, como uma das “regras mais importantes desse primeiro passado humano do Novo Mundo”, conforme reitera Michèle Duchet (1975, 179). Segundo Gerbi (1960), a revisão das concepções bufonianas, feitas por ele mesmo e por retificações do meio científico, finalizam a fase inicial dessa disputa. As concepções negativas da América meridional são retomadas por Friedrich Hegel em oposição às visões entusiásticas de A. von Humboldt no início do século XIX (Ette 2009, 46 s.). Para mais detalhes sobre as ideias de Spix e Martius no contexto da polêmica sobre o Novo Mundo bem como sobre as suas visões extremamente polêmicas sobre os indígenas ver Lisboa (1997, 77-84 e 147-168). Vale dizer, que esses naturalistas, no relato de viagem, aproximam-se de uma concepção decadentista acerca dos habitantes autóctones.

31 Nesse sentido, ver estudo de Volker Matthies (2018), que versa sobre os acompanhantes indígenas em expedições realizadas em várias partes do globo.

mentos recíprocos. Além disso, se retomarmos a descrição dos naturalistas quando do “emprego” de Custódio, reitera-se o quanto desconsideravam os indígenas. O episódio inicia com a declaração de que em pouco tempo haviam conquistado a confiança dos Coroados (indígenas aldeados em Minas Gerais) e que entre eles puderam permanecer um bom tempo. No entanto, Spix e Martius almejavam deixar logo “aquelas sombrias paragens”, onde se sentiam “quase como no meio de dementes”. Como as coleções zoobotânicas já estavam enriquecidas, decidiram partir para Vila Rica. O diretor do aldeamento, Marlière, oferece aos naturalistas alguns indígenas para leva-los à cidade. Na véspera, foram lhes destinados dois Coroados, animados a servir aos expedicionários por meio da cachaça e da “esperança de voltarem como capitães, com vistosas fardas”. É esse o momento em que Spix e Martius não contêm o seu desejo de rir “ao ver o efeito que um uniforme reluzente reproduz nesses homens das selvas”. Um dos indígenas com ele foi vestido, e colocaram-lhe à cabeça o chapéu agalado. Um espolho diante dele fez com que, “perplexo e orgulhoso”, mirava-se.

Embora não pudesse compreender o feitiço, contudo parecia que um sentimento de vaidade satisfeita vencía todas as dúvidas. Desse momento em diante, estava tomada a resolução, e ele mostrava prazer em acompanhar-nos. O índio acostumou-se logo conosco, acompanhou-nos em grande parte da viagem, e por sua dedicação, lhe demos o nome de Custódio (1981, v. I, 240).

Talvez Custódio tivesse fugido não por saudade das matas, mas por ter sido ludibriado com a promessa de virar “capitão”. Uma breve cena, pouco depois de ter sido engajado, relatada pelos autores, oferece indícios: a caminho de Vila Rica passaram por uma choça, de onde saiu uma velha índia, que seria parente de Custódio. Ela estaria preocupada com ele, perguntando para onde ele ia, desconfiando que ele estaria sendo levado à força. Ele no entanto respondeu, “alegremente” que ia ver o “grande capitão” e que voltaria, ele mesmo, “capitão” (1981, v. I, 240-241). O que aconteceu com Custódio depois de abandonar a expedição nunca se saberá, mas certamente como “capitão” ele não voltou.

A mediação entre os viajantes, tradutores e indígenas não parece ter sido tão fácil. Por um lado, os recursos metodológicos de Spix e Martius não são suficientes para que conseguissem obter mais conhecimentos sobre os indígenas, por outro, os próprios mediadores/tradutores talvez não reconhecessem o interesse “científico” dos viajantes. Outrossim revela-se a fragilidade, a dependência e a insegurança do europeu explorador diante

de sua tarefa investigadora. Essa situação pode ser considerada como algo inerente ao trabalho do cientista viajante. Vale lembrar a sugestiva análise de Bruno Latour sobre Lapérouse, o capitão do *L'Astrolabe*, quando em 1787 encontrava-se no leste do Pacífico, em Sacalina. Diante do notório desconhecimento geográfico de Lapérouse, Latour atribue ao explorador uma posição de “mais fraco” em relação aos informantes autóctones, portanto os “mais fortes”. Essa posição de fraqueza, porém, se inverte, após o processo de apropriação e capitalização do saber local por parte dos europeus exploradores e de sua aplicação pela ciência na Europa. Os posteriores exploradores, que retornam ao lugar, já dispendo de uma cartografia europeia, ocupam uma posição de “*mais forte*” em relação aos locais (Latour 2011, 335-341, grifo no original). E nesse aspecto, sobretudo no esforço de Spix e Martius de coletar vocabulário indígena, por ser este o principal alicerce da metodologia etnográfica naquele momento,³² pode se identificar uma posição de fraqueza.

Já quando o assunto é a natureza, a relação entre os estrangeiros e os locais foi mais fácil. Quando na província de São Paulo, por exemplo, os viajantes referem-se a uma espécie de guia e informante *ad hoc*: diante da exuberância das matas virgens que se espriavam nas baixadas, os naturalistas colecionaram, “em companhia de um lavrador do lugar”, em um só dia, 120 qualidades de madeira (em nota de rodapé menciona os nomes populares das mais importantes da região). Ao lavrador são externados elogios: “Admiramos a facilidade com que o guia, à vista do caule e da casca de cada qualidade, nos dizia não somente o nome vulgar no país, mas igualmente, o uso, a época da florescência e gênero de frutos”. Nesse episódio, os naturalistas reconhecem os saberes locais, indicando a existência de diferentes sistemas do conhecimento: “o contínuo lidar com a natureza aguça o sentido desses homens simples, dando-lhes percepção tão exata dos característicos físicos que, neste ponto, eles superam geralmente o europeu, muito ilustrado, mas pouco observador da natureza”. Os autores aprofundam a questão dos saberes locais, afirmando que os “sertanejos” (aqui trata-se da população do interior) dispunham de “perfeito” conhecimento das plantas medicinais de sua terra, sobretudo as mulheres, que eram verdadeiras ‘curandeiras’. O tom da narrativa é respeitoso quando se referem aos co-

32 Os estudos linguísticos como base metodológica para a pesquisa, análise e compreensão histórica e cultural dos indígenas aplicados por Martius se inspiraram nas teorias dos filólogos Johann Andreas Schmeller, Jakob Grimm e Wilhelm von Humboldt. Para mais detalhes Costa e Diener (2018, 314-347).

nhecimentos populares sertanejos notoriamente apreendidos pelos naturalistas e transformados em conhecimento científico, sob a chave europeia. Descreve-se ao longo da página algumas plantas medicinais, considerando seu uso, sua eficácia, sua nomenclatura popular e, entre parentes, a científica. Se respeitosos são em relação ao conhecimento popular –embora os informantes não sejam identificados no relato– também se preocupam em refletir sobre a origem desse conhecimento. Ao seu ver, ele não seria herança dos indígenas, cuja “indolência” os teria impossibilitado de “investigar as propriedades curativas da natureza” (1981, v. I, 160).³³

Quando na Amazônia tiveram a oportunidade de contratar um guia extremamente qualificado para a expedição fluvial. Essa figura assume considerável prestígio na narrativa de viagem e evidentemente é apresentada pelo seu nome completo e origem. Trata-se do capitão de milícias Francisco Ricardo Zani, um imigrante de Livorno, que atuava como comerciante e profundo conhecedor da bacia do Amazonas. Diante da escassez de mapas da região –havia à disposição somente um mapa feito por ordem da Academia Francesa e um mapa geral da América do Sul, de Arrowsmith– a ajuda de Zani, que realizara sete viagens no Amazonas, deveria suprir essa falta (Spix e Martius 1981, v. III, 63). Com Zani Martius manteve, quando de volta a Munique, uma troca epistolar que revela a atuação desse comerciante também como coletor de objetos da natureza enviados ao Rio de Janeiro, a pedido da Corte.³⁴ Nesse quesito certamente ele também foi útil para Spix e Martius. No romance *Frey Apollonio* (Martius 1992), uma ficcionalização da viagem de Martius pelo Rio Japurá no alto Amazonas, ele ressurgue no personagem Riccardo, o comerciante fiorentino que defenderia, nos debates acerca da melhor forma de levar a civilização ao Novo Mundo, um discurso pragmático e utilitarista, baseado na crença do progresso tecnológico (Paes 1993; Lisboa 2008).

Além de sua valiosa contribuição para os conhecimentos gerais da região e a coleta de objetos, sua atuação como tradutor da língua geral foi essencial. Conforme lemos as palavras de Martius quando na expedição pelo rio Japurá, o encontro com os Coeruna foi bastante produtivo. Um dos mediadores

33 Aparentemente, Martius reviu essa opinião, pois no estudo de 1844 que versa sobre as doenças e os remédios indígenas, ele afirma exatamente o oposto. O “índio”, apesar de não ter um conhecimento científico, teria “domínio material da farmacognosia”, uma herança de uma “antiga ciência natural” (1937, 74).

34 Carta de Francisco Ricardo Zany a Martius. Rio de Janeiro, 1. de abril de 1829. BSB/SM, Martiusiana, II A 2.

fora o índio Gregório, que falava a língua geral, na qual se exprimia “de modo bastante inteligível”. Ele era “bondoso, amigo dos brancos” e prestou a Martius “muitos bons serviços”. Com a ajuda de Zani como intérprete, pôde juntar bastante informações e coletar vocábulos, alistados na narrativa de viagem. As intenções amistosas foram seladas entre ambos. Como prova, a Gregório é fornecido grande copo de cachaça, o que o deixara satisfeito. Em contrapartida, a satisfação do naturalista é garantida conforme acompanhamos na narrativa: “Gregório arranhou-me diversas caixas com o principal adorno de sua gente. São estas guarnições os mais belos trabalhos de penas que encontrei entre os índios” (Spix e Martius 1981, v. II, 208).



Ilustração 1: Na parte inferior, à direita e esquerda, Coerunas com coroas plumárias. *Índigenas*. Litografia do *Atlas zur Reise von Dr. v. Spix e Dr. v. Martius* (1831)³⁵

Apesar dessa passagem auspiciosa, aliás não a única, no que concerne as tarefas do naturalista/etnógrafo colecionador, as queixas da dificuldade de comunicação, tal qual observado quando estavam em Minas Gerais, não esmaecem de todo. Numa nota de rodapé, Martius compartilha sua frustração na tarefa de coletar vocábulos e obter seu sentido: “Na Europa,

35 Public domain. https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Reiseatlas_von_Spix_und_Martius#/media/File:Spix_Reiseatlas_original_58.jpg (5 de novembro de 2020).

parecerá incrível o esforço que custa para dispor um índio ao exercício, tão estranho ao seu espírito, como o de pronunciar certas palavras, quando o intérprete o interroga”. E logo expõe o método empregado para enfrentar o desafio. Havia duas maneiras para motivar os indígenas a responder: a cachaça e perguntas sobre certas partes do corpo (Spix e Martius 1981, v. III, 210, nota 11). Uma outra forma de obter informações e objetos bem como estimular os indígenas “às permutas”, fora-lhe “ensinado” por Gregório: na presença das mulheres, basta abrir uma caixa com miçangas, chitas e lenços. Esse “simples ardil”, aos olhos de Martius, possibilitou, “por intercessão do sexo mais fraco” que ele obtivesse “tudo que [...] desejava do mais forte” (Spix e Martius 1981, v. III, 212).

Estes breves episódios aqui tratados demonstram como os saberes são apropriados de forma coercitiva incluindo abordagens sexistas, ao lado do racismo subjacente, evidentes expressões do “olhar imperial” (Pratt 1999). Nesse sentido, o capitão Zani é o perfeito representante dos interesses neocoloniais, em nome da ciência e de sua prática filantrópica. Vale lembrar que com a Ilustração, as expedições eram realizadas em nome da “humanidade”, como forma de contribuir por meio da ciência ao bem universal.³⁶ Se Zani possibilitou uma melhor mediação entre os cientistas e seus objetos de estudo, ele provavelmente também intermediou a “aquisição” de indígenas que os naturalistas levaram para a Alemanha. A forma como esses indígenas, no total seis, foram “adquiridos”, deixa dúvidas e não se explica claramente no relato de viagem (Lisboa 1997, 128-129). A garota integrava um grupo de cinco indígenas que o chefe dos Miranhas teria “presenteado” a Martius, quando estava no Rio Japurá. No relato, a doação das crianças é transformada em ato de salvação da mão bárbara do cacique (Spix e Martius 1981, v. III, 245). Pesquisas documentais indicam que o chefe dos Marinhos teria organizado uma incursão com o fito de capturar indígenas adultos para Zani e crianças para o naturalista, apontando para a clara intencionalidade de Martius em relação à captura dessas jovens vítimas (Resende e Schönitzer 2018, 198).³⁷ O garoto Juri, que se encontrava (escravizado?) junto à família do Capitão Zani, em Manacapuru, teria se “agregado à guarnição”, conforme se lê no relato de viagem (Spix e Martius

36 Sobre a filantropia como valor moral no campo da ciência que se conceitua no período da Ilustração, Duprat (1993) e Kury (2003).

37 Henrike Leonhardt (1987) é autora de um romance histórico em que pioneiramente levantou a polêmica sobre a aquisição desses jovens indígenas.

1981, v. III, 252). Mas também ele foi oferecido ao cientista pelo capitão do Capitão Zani como peça viva de gabinete, segundo Martius escrevera 40 anos depois em suas notas biográficas (Costa e Diener 2018, 175). Dos seis indígenas, quatro embarcaram rumo à Europa. Dois faleceram ao longo da travessia. A garota Miranha e o garoto Juri chegaram a Munique, porém não sobrevivem mais que dois anos. Trágico episódio, que não escapa dos hábitos e da moral científicos no século XIX. Junto com o transporte de inúmeros objetos da natureza e de artefatos indígenas adquiridos e apropriados ao longo da viagem, representando o aspecto mais palpável e material das múltiplas dimensões da prática de transferir saberes, a inclusão de seres humanos como “peça viva” de gabinete revela a face mais sórdida e polêmica dessas relações científicas e interculturais.³⁸



Ilustração 2: *Miranha*. Litografia colorida do *Atlas zur Reise von Dr. v. Spix e Dr. v. Martius* (1831)³⁹

38 Wied-Neuwied enviou o indígena botocudo Quack como serviçal para a Alemanha (Matthies 2018, 87-91). O botânico Emanuel Pohl da missão austríaca levou em 1821 um homem e uma mulher dos “botocudos” a Viena (Schönitzer 2011, 251-253).

39 Public domain. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Spix_Reiseatlas_original_36.jpg (5 de novembro de 2020).



Ilustração 3: *Juri*. Litografia colorida do *Atlas zur Reise von Dr. v. Spix e Dr. v. Martius* (1831)⁴⁰

Semelhante episódio ocorreu no Rio de Janeiro. Os autores destacam a relevância do Conde da Barca, como um mediador entre as relações científicas do Brasil com a Europa. Teria ele solicitado ao comandante do distrito dos índios em Minas Gerais um crânio indígena para ser enviado ao Conselheiro Blumenbach –o célebre antropólogo na Universidade de Göttingen e de quem Langsdorff fora aluno–. Como não se achou o tal material morto, foram enviados ao Conde dois botocudos vivos, prisioneiros de algum confronto com soldados. Um deles ficou com Langsdorff, “ao qual em breve muito se afeiçãoou e este lhe serviu não somente como peça viva de museu, porém igualmente, como coletor de curiosidades naturais”, conforme atestam Spix e Martius (1981, v. I, 52).

40 Public domain. https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Spix_Reiseatlas_original_35.jpg (5 de novembro de 2020).

Conclusões

O sucesso da expedição de Spix e Martius resultou não somente por meio do financiamento por parte da Academia de Ciências de Munique com o apoio das coroas da Baviera e da Áustria e do incansável empenho de ambos, mas igualmente graças ao auxílio de inúmeros “informantes” e mediadores locais, predominantemente do sexo masculino. E com isso vale afirmar que a narrativa *Reise in Brasilien* não é apenas o relato da expedição baseado nos apontamentos de viagem, acrescidos de uma exaustiva pesquisa bibliográfica em vários campos das ciências, como é também fruto da participação desses numerosos mediadores.

Verificamos aqui, num primeiro passo, que há duas formas de mediação: a oculta e a explícita. Demos mais espaço aos exemplos da mediação explícita, analisando alguns casos em que se nota os diferentes tratamentos dos viajantes dispensados aos locais. Os representantes de segmentos europeizados, cultos, em parte oriundos da classe abastada bem como os europeus, dentre eles colegas de ofício, se configuram na narrativa como interlocutores. Ou seja, não somente que Spix e Martius enaltecem os vínculos amigáveis que tecem ao longo da viagem com eles, mas também expressam o quanto se sentem próximos deles, dirimindo possíveis estranhamentos culturais. O caso do padre Antônio Nogueira Duarte, no meio do sertão de Minas Gerais serve de exemplo, em que o compartilhamento dos interesses pela História Natural forma um elo por meio do qual a interlocução flui. Trata-se pois de uma relação que se baseia na identificação com o ‘outro’. Este ‘outro’ é menos estranho aos olhos de Spix e Martius do que supostamente poderia ser e goza de um tratamento respeitoso e por assim dizer de igual para igual. Apesar dessa simetria, resta a questão se as trocas entre eles foram iguais. Valeria saber, voltando ao caso do padre Duarte, o que ele ganhou com a visita dos naturalistas? Na falta de registros dos próprios visitados, não há como saber. Nos casos em que as relações “amigáveis” se perpetuam para além do momento da viagem, sobretudo por meio das missivas e de contatos pessoais/institucionais, seja talvez possível responder a essa pergunta.

Evidenciou-se também a importância dos guias (militares), que proporcionaram as primeiras abordagens com os indígenas. E também aqueles que detinham conhecimentos etnográficos e certa prática de lidar com os autóctones, como o caso dos capitães Marlière, em Minas Gerais, e Zani, na Amazônia. O contato de Spix e Martius com eles sugere também uma

relação simétrica. Ambos representam o explorador europeu que atua na “zona de contato”, motivados pelas intenções neocoloniais e assim também a serviço dos interesses dos viajantes. A captura dos indígenas como peça-viva de gabinete pode ser considerada manifestação derradeira das mãos exploradoras da ciência europeia. No caso de Zani, que também era comerciante, o seu serviço provavelmente foi compensado por algum ganho material.

A relação de Spix e Martius com os representantes de grupos cultural e socialmente em parte híbridos, de segmentos menos privilegiados, tais como “sertanejos”, negros e indígenas revela ambiguidades. Por um lado, vimos em exemplos citados, que os naturalistas obtêm fartos conhecimentos sobre a flora, enriquecendo a coleta de espécimes (madeiras e plantas medicinais), por meio de informantes sertanejos e lavradores, incluindo-se mulheres. Nesses casos, o respeito e a admiração por estas pessoas com seus saberes populares não falta. Os créditos a eles são cedidos, embora esses personagens permaneçam na narrativa de viagem no anonimato. Por outro lado, quando o arrieiro mulato abandona na surdina a expedição, os preconceitos raciais servem para condená-lo pelo seu comportamento leviano, reiterando generalizações “contra toda a gente de sua cor”. De maneira semelhante, culpam o escravo e o ajudante indígena Custódio pelas suas fugas. Estes acontecimentos ameaçadores ao êxito da expedição evidentemente jamais são ensejo para que os próprios viajantes exerçam uma autorreflexão. Eles permanecem em sua posição de dominador, distantes de qualquer empatia ou identificação com este ‘outro’. Por sua vez, os auxiliares muito provavelmente abandonam a missão científica em vista de escapar do tratamento coercitivo, marcado por dinâmicas assentadas em uma radical desigualdade. Também nesses casos, a ausência de registros, memórias ou documentos impõe certos limites para recuperar este lado da história. Em todo caso, desnuda-se que no discurso do viajante (masculino) conquistador, coletor de objetos e de saberes que são transferidos para o seu sistema europeu/alemão/bávaro de saberes (científicos, práticos, comerciais), transpiram nas entrelinhas a fragilidade do viajante. A sua impotência diante das vicissitudes do cotidiano da própria expedição é tributária de seu desconhecimento geográfico e social bem como das complexas relações sociais, que se travam ao longo percurso, marcadas pelo colonialismo, pela diversidade cultural e pela escravidão.

Finalmente, o percurso ora traçado apresenta mais um potencial heurístico do relato de viagem como fonte para a produção do conhecimento

histórico: por meio da investigação da narrativa do viajante, é possível rastrear a atuação de sujeitos históricos e suas “múltiplas falas” como mediadores e fornecedores de saberes num determinado espaço, tempo e configuração/hierarquia social. No entanto, recuperar por completo essa atuação é tarefa impossível, sobretudo diante do anonimato e da fragmentação de muitos desses testemunhos.

Referências bibliográficas

- Ash, Mitchell. 2006. “Wissens- und Wissenschaftstransfer – Einführende Bemerkungen”. *Berichte zur Wissenschaftsgeschichte* 29: 181-189.
- Costa, Fátima e Pablo Diener. 2012. “Cartas de um sacerdote das ciências”. Em *Karl Friedrich Philipp von Martius*, editado por Fátima Costa e Pablo Diener, 188-222. Rio de Janeiro: Fundação Miguel Cervantes.
- Costa, Fátima e Pablo Diener. 2018. *Martius*. Rio de Janeiro: Capivara.
- Duchet, Michèle. 1975. *Antropología e historia en el siglo de las luces*. Tradução de Francisco González Aramburo. México, D.F.: Siglo XXI.
- Duprat, Catherine. 1993. *Pour l'amour de l'humanité. Le temps des philanthropes. La philanthropie parisienne des Lumières à la monarchie de Juillet*. Paris: C.T.H.S., t. I.
- Ette, Ottmar. 1997. “Est-ce que l'on sait où l'on va? Dimension, Orte und Bewegungsmuster des Reiseberichts”. Em *Die Wiederentdeckung Lateinamerikas. Die Erfahrung des Subkontinents in Reiseberichten des 19. Jahrhunderts*, editado por Walther L. Bernecker e Gertrud Krömer, 29-78. Frankfurt a.M.: Vervuert.
- Ette, Ottmar. 2009. *Alexander von Humboldt und die Globalisierung*. Frankfurt a.M./Leipzig: Insel.
- Gerbi, Antonello. 1960. *La disputa del Nuevo Mundo*. Tradução de Antonio Alatorre. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- Guimarães, Manoel Luis Salgado. 1988. “Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de história nacional”. *Estudos Históricos* 1: 5-27.
- Houaiss, Antônio e Mauro de Salles Villar. 2009. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Klemun, Marianne. 2009. “Wissenschaft und Kolonialismus – Verschränkung und Konfigurationen”. *Wiener Zeitschrift zur Geschichte der Neuzeit* 9, n° 2: 3-12.
- Kury, Lorelai. 2003. “Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar”. *Intellèctus* 2, n° 3: 1-11.
- Latour, Bruno. 1987. *Science in Action. How to Follow Scientists and Engineers Through Society*. Cambridge: Harvard University Press.
- Latour, Bruno. 2011. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Unesp.
- Lévi-Strauss, Claude. 1979. *Tristes trópicos*. Tradução de Jorge Constante Pereira. Lisboa: Edições 70.

- Leonhardt, Henrike. 1987. *Unerbittlich des Nordens rauher Wind*. München: Weissmann.
- Lipphardt, Veronika e David Ludwig. 2011. “Wissens- und Wissenschaftstransfer”. *Euro-päische Geschichte Online* (EGO). <http://www.ieg-ego.eu/lipphardt-v-ludwig-d-2011-de> (24 de janeiro de 2018).
- Lisboa, Karen Macknow. 1997. *A nova Atlântida de Spix e Martius. Natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.
- Lisboa, Karen Macknow. 2008. “Da expedição científica à ficcionalização da viagem. Martius e seu romance indianista sobre o Brasil”. *Acervo* 21, nº 1: 115-132.
- Martius, Carl F. P. 1823-1853. *Historia Naturalis Palmarum*. 3 vols. Leipzig: T.O. Weigel.
- Martius, Carl F. P. 1845. “Como se deve escrever a história do Brasil”. *Revista Trimensal de História e Geografia* 6, nº 24: 381-403.
- Martius, Carl F. P. 1937. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Commercio, Rodrigues & C.
- Martius, Carl F. P. 1992. *Frey Apollonio – Ein Roman aus Brasilien*. Berlin: Reimer.
- Matthies, Volker. 2018. *Im Schatten der Entdecker. Indigene Begleiter europäischer Forschungsreisender*. Berlin: Ch. Links.
- Paes, José Paulo. 1993. “Utopia e distopia nas selvas amazônicas”. *Nossa América* 2: 56-64.
- Pratt, Mary Louise. 1999. *Os olhos do império – relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC.
- Raj, Kapil. 2007. “Conexões, cruzamentos, circulações. A passagem da cartografia na Índia, séculos XVI-XIX”. *Cultura* (em línea) 24. <http://journals.openedition.org/cultura/877> (23 de setembro de 2017).
- Raj, Kapil. 2013. “Beyond Postcolonialism ... and Postpositivism. Circulation and the Global History of Science”. *Isis* 104: 337-347.
- Resende, Maria Leônia Chaves de e Klaus Schönitzer. 2018. “Do Novo ao Velho Mundo: indígenas da Amazônia na Alemanha dos naturalistas Spix e Martius”. *Anais de História de Além-Mar* XIX: 189-220.
- Schönitzer, Klaus. 2011. *Ein Leben für die Zoologie. Die Reisen und Forschungen des Johann Baptist Ritter von Spix*. München: Buch&media.
- Schulze, Frederik. 2008. “Konzepte von Physiognomie und Rasse bei Martius”. *Revista Contingentia* 3, nº 2: 117-132.
- Spix, Joh. Bapt. von e Carl F. P. von Martius. 1980. *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. Königs von Baiern in den Jahren 1817-1820*. 3 vols. & Atlas. (Fac-simile da edição de 1823-31). Stuttgart: Brockhaus.
- Spix, Joh. Bapt. von e Carl F. P. von Martius. 1981. *Viagem pelo Brasil*. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, revisão de Ramiz Galvão, Basílio de Magalhães e Ernst Winkler. 3 vols. São Paulo: Itatiaia/Edusp.
- Wied-Neuwied, Maximilian. 1989 [1820/21]. *Viagem ao Brasil*. Tradução de Edgar Süsskind de Mendonça e Flavio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Itatiaia/Edusp.
- Zischler, Hanns, Sabine Hacketal e Carsten Eckert, org. 2013. *Die Erkundung Brasiliens. Friedrich Sellows unvollendete Reise*. Berlin: Galiani.